



**INFORMATIVO**

**O TUIUTI**



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS) - ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA - E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

**250 anos de Porto Alegre - 200 anos da Independência do Brasil - Aclamação de Dom Pedro como Imperador do Brasil, com o nome de Dom Pedro I - 180 anos das Revoluções Liberais de SP e MG - 170 anos da Batalha de Monte Caseros - 110 anos do início da Guerra do Contestado - 100 anos da Semana de Arte Moderna em São Paulo - 90 anos do início da Revolução Constitucionalista de São Paulo e Mato Grosso - 80 anos dos afundamentos de 23 navios brasileiros por submarinos alemães em diversos lugares do mundo - Declaração de Guerra do Brasil à Alemanha e à Itália - 20 anos da conquista do pentacampeonato mundial de futebol na Copa do Mundo do Japão/Coréia do Sul pelo Brasil.**

**ANO 2022**

**Maio**

**Nº 401**

## **REGISTRO DE MAIS UM ANO DO FALECIMENTO DO DUQUE DE CAXIAS - PATRONO DO EXÉRCITO**

**Cláudio Moreira Bento**

**N**o dia 07 de maio de 2022 transcorreu o 142º ano da morte de um dos nossos maiores estadistas, o DUQUE DE CAXIAS e MARECHAL DO EXÉRCITO EFETIVO LUIZ AL VES DE LIMA E SILVA.

Ele prestou ao Brasil mais de 60 anos de excepcionais serviços, como político e administrador de contingência e, inigualados, como militar de tradição e vocação, a serviço da Unidade, da Paz Social, da Integridade e da Soberania Brasileiras.

Por esta última razão foi consagrado de direito, em 1962, pelo Exército Brasileiro, onde se forjou e de cujo seio emergiu no cenário nacional, como seu Patrono, no contexto do significado com o qual o historiador Pedro Calmon o definiu:

*“O chefe integral de uma instituição, o seu modelo, a sua alma, a imagem maravilhosa do espírito que nela vibra, a síntese mágica de suas virtudes e de seus brios”.*

E acrescentaríamos: o seu oráculo (da Instituição EB) em momentos difíceis para autocríticas e correções de caminhos, ou na busca das soluções mais adequadas em determinada conjuntura.

Ainda em vida, e nos últimos 142 anos, desde sua morte, o povo, a imprensa, chefes, escritores, pensadores e historiadores civis e militares têm procurado defini-lo, entre outros, com os seguintes títulos:

“Filho querido da vitória; o Pacificador; General Invencível; Condestável, escora e espada do Império; A maior espada do Brasil; O Wellington Brasileiro; O Duque de Ferro e da Vitória; O Escravo da Pátria; Nume ou Espírito Tutelar e Símbolo da Nacionalidade; Maior Soldado do Brasil”.

A este propósito julgam alguns analistas de nosso processo histórico brasileiro caber de fato ao Duque de Caxias os títulos de Patrono e mesmo de Fundador da Nacionalidade.

Evidenciar a significação histórica da obra deste grande e exemplar cidadão e soldado, que figura, sem favor nenhum, por sua Ação Pacificadora e por suas manobras de flanco de Humaitá e Piquiciri na Guerra do Paraguai na galeria dos maiores capitães da História Universal, é o objetivo de nosso artigo.

Evocação no 142º ano de seu falecimento. Evocação através de uma amostragem histórica, de opiniões expressas nos últimos 142 anos por instituições, autoridades, escritores, poetas, pensadores e historiadores civis e militares, os quais também procuramos aqui homenagear, pelo fato de o terem estudado e consagrado.

Mas antes recordemos o antológico trecho do discurso do então Major de Engenheiros Alfredo de Taunay, falando em nome do Exército no sepultamento do Duque de Caxias em 09 de maio de 1880, no Cemitério do Catumbi<sup>1</sup> à beira do túmulo do Pacificador:

***“Só a maior concisão unida, a maior singeleza é que poderá contar seus feitos. Não há pompas de linguagem, não há arroubos de eloquência capazes de fazer maior esta individualidade, cujo principal atributo foi a simplicidade na grandeza”.***

Caxias conheceu a glória em vida. Atingiu a culminância da hierarquia militar: foi o único brasileiro a receber o título de Duque, bem como recebeu, em mais alto grau, as mais significativas condecorações imperiais.

Em 1878 seu biógrafo, o Monsenhor Pinto de Campos, escreveu livro sobre Caxias do qual destaco estes trechos:

A carreira militar e política do Sr. Duque de Caxias encerra nada menos que 55 anos. É fato sem precedentes. Alexandre viveu entre glórias, mas apenas 16 anos. César, aos 17 anos de sua primeira guerra de Espanha, caiu sob o ferro de Brutus e Cássio. Carlos Magno batalhou uns 40 anos, e assim mesmo tinha sido batido em Roncesvalles. Para Turenne, entre Tudlingen e Saltzbach medeiam 32. Napoleão, da Itália a Waterloo, 20 anos; e assim poderia ir confrontando vantajosamente o longo período, abrihantado pelo general brasileiro, com os que deram nome eterno às primeiras espadas do mundo. Sim, homens destes não deviam morrer. São esteio da pátria, farol seu, sua glória, sua esperança. Escrever acerca da vida do Duque de Caxias em qualquer quadra da sua já dilatada e, ainda mais, preciosa existência é sempre compor uma página da História do Brasil autônomo. Começou ele verdadeiramente a sua carreira com a Pátria independente, e quase não há um notável sucesso desde meio século, em que tal nome se lhe não ache honrosamente vinculado. Outros se têm ocupado e outros muitos se ocuparão de pôr ante os olhos do público o estágio percorrido pelo homem fadado a assegurar a prosperidade desta nação; e quando a foice inexorável lhe deixar só o

---

<sup>1</sup> Oficial a quem Caxias dirigiu as seguintes palavras, ao encontrá-lo após 1870 na rua do Ouvidor esquina com a 1ª de Março: “Que falta o Senhor me fez na guerra! Se o tivesse a meu lado quanta coisa teria ocasião de escrever!”

nome na memória humana, virá o futuro historiador colocá-lo na vanguarda das celebridades brasileiras e, sob alguns aspectos, das celebridades universais. O cidadão de cuja biografia passo a ocupar-me tem-se distinguido por muitos títulos, mas aquele por que prima é o de militar. Sua espada, sempre e só desembainhada em defesa das instituições e da Pátria, tem prestado ao País os mais úteis e brilhantes serviços. Tem sido o guerreiro por excelência, conquanto não haja quem mais de coração lamente os deploráveis abusos e usos da força (CAMPOS, J. Pinto de, mons. A vida do Grande Cidadão, 1878).

Ao falecer foram prestadas a Caxias diversas homenagens. Delas destacamos as seguintes:  
Do Exército Brasileiro:

O país perde, na pessoa do Íncrito general, um dos seus mais conspícuos cidadãos; o Rio Grande do Sul, o seu generoso e prudente pacificador, e o Exército, o valente chefe que, maior número de vezes o conduziu à vitória em lutas externas e internas. A perda que acabamos de sofrer é, pois, irreparável para a Nação e para o Exército e todas as homenagens que foram prestadas ao ilustre morto ficarão aquém de seus serviços, de seus grandes merecimentos (CÂMARA, General. Ministro da Guerra, 8 de maio de 1880).

Sua vida foi o conjunto de preclaros feitos; e, ao extinguir-se, revelou ele a modéstia de seu elevado caráter, na dispensa que fez de todas as homenagens oficiais que a lei lhe dava direito. Seu útimo desejo foi que o conduzissem ao túmulo seis soldados. O vencedor de tantas batalhas finalizou seus dias; e, na trajetória da vida que acaba de descrever, nunca foi vencido, como bem o disse em sua Ordem do Dia nº 269, datada de Villeta, em 21 de dezembro de 1868 (OD 1512. Ajudante Geral do Exército. 08 de maio de 1880).

Ainda de TAUNAY, discurso em nome do Exército no sepultamento de Caxias:

Se houve quem prestasse serviços excepcionais ao Brasil, foi o Duque de Caxias; se houve quem menos os fizesse valer, foi o Duque de Caxias. Em muitas ocasiões, onipotente neste país e fora dele, nunca abusou do poder que se concentrara em suas mãos. Também ninguém até hoje teve no Brasil séquito igual. Carregaram o seu féretro seis soldados rasos; mas, senhores, estes soldados que circundam agora a gloriosa cova e a voz que se levanta para falar em nome deles são o corpo e o espírito de todo o Exército Brasileiro. Representam o preito derradeiro de um reconhecimento inextinguível que nós, militares de norte a sul deste vasto Império, vimos render ao nosso velho marechal, que nos guiou como general, como protetor, quase como pai, durante quarenta anos; soldados e orador, humildes todos em sua espera, muito pequenos pela valia própria, mas grandes pela elevação da homenagem e pela sinceridade da dor.

Do Senado:

“A profunda emoção que experimentei ao ler nos jornais de hoje a infausta notícia do passamento do heroico soldado, o Duque de Caxias, estou certo de que foi igualmente sentida por todos os honrados membros desta casa (apoiados unânimes) e o será mais tarde pela nação inteira, quando esse triste acontecimento for sabido nos últimos recantos do Brasil (apoiados). É com razão, pois, que nenhum brasileiro pode aspirar o mais alto nome entre os servidores da pátria. Os seus dias,

extensíssima parte de sua gloriosa existência, contam-se por serviços à causa pública (apoiados) e, como guerreiro, as suas batalhas enumeram-se por vitórias. O Exército, de que foi ornamento, dará testemunho da sua bravura nos combates, como de sua generosidade depois do triunfo. Esta casa não recusará também o testemunho de seu respeito pela maneira devotada por que o ilustre senador da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul desempenhou sempre os seus altos deveres como legislador (apoiados), e a Nação há de conservar gravado em seu seio o perpétuo reconhecimento ao cidadão distinto, que em toda a parte onde lhe foi confiada a guarda do pavilhão nacional soube desfraldá-lo sempre com a maior glória e heroicidade” (BRASIL. Senado. 8 de maio de 1880. Anais).

Da Câmara de Deputados, o Sr. Sousa Andrade — “A vida do Duque de Caxias ocupa, com esplendor, mais de uma página da nossa história. Ninguém o excedeu em patriotismo e abnegação, quando seu dever o chamava ao posto que lhe era destinado na alta administração do Estado ou à frente do Exército Brasileiro”.

O Sr. Joaquim Serra — “Foi um grande cidadão e um ilustre soldado”.

O Sr. Sousa Andrade — “Suas últimas inextinguíveis glórias conquistou-as ele nos inóspitos campos do Paraguai, quando já valetudinário, em idade muito adiantada, e quando gozava das mais cobiçadas distinções e honras a que se pode esperar no Brasil. Ali, mais que uma vez, afrontou a morte, expondo-se, resolutamente aos mais arriscados lances e perigos da guerra” (BRASIL. Câmara dos Deputados. Anais. 8 de maio de 1880).

Do Conselho Supremo Militar de Justiça –

“General, soube guiar à vitória os exércitos mais numerosos que tem visto a América do Sul; político, manejou com firmeza as rédeas da governação do país, como ministro em três ministérios e como organizador de Gabinete dirigindo os destinos do Estado em ausência de seu chefe. A autoridade que por vezes exerceu, sem contrastes e quase sem limites, deu-lhe ocasião de mostrar quanto eram grandes e generosos os sentimentos que o animavam...”

Diz o Exército: — “Ele era o infalível precursor do triunfo, o predileto da glória na pugna, a encarnação dos brios marciais”.

Diz a família:

“Ele era o ídolo do lar, aquecido, no culto da moral, ao sacro lume do amor, em honra das tradições que imortalizam o passado, em prol da educação com que se forma e anima o porvir. Console-se a Pátria, resigne-se a Monarquia, ufane-se o Exército, descanse a família, com a certeza de que o benemérito varão fulgura no meio dos redivivos, entre o legendário Osório e o ínclito Conde de Porto Alegre” (MUNIZ, Rozendo. Discurso do IHGB no sepultamento de Caxias, 9 de maio de 1880).

Do Historiador Capistrano de Abreu:

“Caxias dispensou as honras militares. Fez bem! As armas que ele tantas vezes havia conduzido à vitória teriam vergonha talvez de não terem podido libertá-lo da morte” (MORAIS, Vilhena de. *Novos Aspectos de Caxias*, 1937).

A Biblioteca do Exército lançará ainda neste ano de 2022 o nosso livro - *Duque de Caxias, o Patrono do Exército*, como contribuição do Exército às comemorações do Bicentenário da Independência.



# DIA DA VITÓRIA - 8 DE MAIO DE 2022, NO ANO DO BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA

Cláudio Moreira Bento

**D**ia da Vitória - 8 de maio de 1945, 77 anos transcorreram. Foi o epílogo da 2ª Guerra Mundial. E para muitos brasileiros, bravos expedicionários da FEB, confirmou-se o refrão de sua bela canção.

Por mais terras que eu percorra.

Não permita Deus que em morra sem que volte para lá.

E que eu leve por divisa.

Este V que simboliza

A vitória que virá!

A nossa vitória final!

E teve fim mais uma cruenta guerra. Guerra que não provocamos pois, pacifistas, não alimentamos sonhos de conquistas. Guerra que impôs ao Brasil pesados sacrifícios por muitos anos sentidos. Guerra em que foram imolados 1900 irmãos brasileiros do Exército, da Marinha, da Aeronáutica e da Marinha Mercante, e civis inocentes. Os últimos sem distinção de idade e sexo, nos traiçoeiros torpedeamentos de nossos indefesos barcos mercantes, por submarinos nazistas, nas costas brasileiras, em plena paz.

Todas estas vítimas brasileiras, hoje mártires da Liberdade e da Pátria, os quais evocamos e reverenciamos as suas sagradas memórias, no transcurso dos 77 anos do Dia da Vitória.

Vitória da Liberdade contra a Opressão. Evocação e reverência pelos heroicos e por épicos exemplos de brasilidade que nos legaram, seja pelo sangue generoso que verteram nos longínquos e gelados campos de batalha na Itália, nos céus europeus, em mar alto ou no litoral do Brasil.

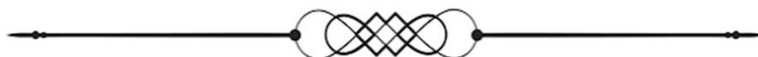
Tudo longe da pátria amada, do calor e do carinho dos entes queridos, em defesa da Soberania do Brasil, da honra de seu auriverde pendão ameaçados e da Democracia e da Liberdade Mundiais.

Que os vossos sacrifícios, como mártires da Democracia e Liberdade Mundial não tenham sido em vão! E para os que tombaram nos campos de batalha, o consolo da afirmação de Péricles grande político e líder militar grego cujo século em que viveu recebeu a denominação de "século de Péricles" o qual então falou:

**"Aquele que morre por sua Pátria faz mais por ela naquele momento  
que os vivos em todas as suas vidas".**

E a todos vós bravos do Exército que tivestes a felicidade de sobreviver a duros combates e vigílias em terras europeias, que a Pátria Brasileira seja eternamente reconhecida pelos assinalados serviços de Guerra que padeceram, para a maior grandeza do Brasil.

E que as vossas saudades da Pátria distante e dos amigos e entes queridos, os vossos suores e vossos sangue e as vidas dos bravos que não voltaram vivos e que repousam em monumento condigno no Brasil continuem a inspirar e alicerçar o presente e o futuro do nosso país no rumo de seu destino de grandeza sob Deus. Que assim seja! E que os 104 veteranos que ainda estão vivos, segundo o acadêmico Daniel Mata Roque, votos de muitos anos de vida e de gratidão dos brasileiros aos valiosos serviços de guerra que prestaram à Pátria Brasileira.



**20 DE ABRIL - DIA DO DIPLOMATA DO BRASIL, CONSAGRADO COMO  
A DATA NATALÍCIA DO BARÃO DO RIO BRANCO  
– UM DIPLOMATA COM ALMA DE SOLDADO –**

**Veterano Cel Eng Claudio Moreira Bento**

**D**ia 20 de abril, transcorreu o 177º aniversário natalício de Jose Maria da Silva Paranhos, o Barão do Rio Branco, data consagrada como o dia do Diplomata Brasileiro. Como historiador militar o evocaremos como um diplomata com alma de soldado.

Quem adentrar a Academia Militar das Agulhas Negras – AMAN, em Resende, pelo antigo Conjunto Principal, o busto do Barão do Rio Branco é o segundo depois do de Dom João VI, o criador da Academia Real Militar em 1810. E na sua biblioteca se encontra a coleção de toda a sua obra literária que me foi doada pelo Embaixador Roberto Assunção; ela foi por mim doada à extinta Federação das Academias de História Militar do Brasil que, por sua vez, a doou à AMAN, e foi por esta recebida por seu Boletim nº 002 de 17 de novembro de 2014.

Barão do Rio Branco, um diplomata com alma de soldado. Embora a paz mundial seja ideal perseguido, as nações procuram dispor, dentro das suas possibilidades, de forças armadas melhor organizadas, equipadas, instruídas e motivadas para um emprego eventual indesejado.

No Brasil, poucos estadistas civis, como o Barão de Rio Branco, que passou à História do Brasil como o Chanceler da Paz, compreenderam e responderam ao seu tempo, à altura, esta pergunta de difícil resposta. E para quem não possua perspectiva histórica brasileira: Forças Armadas Brasileiras para que?

Rio Branco respondeu adequadamente dizendo ser fundamental dispor o Brasil de forças armadas à altura de suas potencialidades e com os objetivos de servirem de dissuasão à quaisquer aventuras militares internas e externas; de respaldo à política internacional do Brasil; como elemento de emprego em emergências imprevisíveis, internas e externas; como núcleos de expansão na eventualidade de uma guerra e, finalmente, como elementos de preservação e divulgação do patrimônio por elas acumulado, em Arte e Ciência Militar, ao longo do processo histórico, em quase cinco séculos de lutas vitoriosas, que contribuíram para delinear, consolidar e manter um Brasil de dimensões continentais.

E desta última circunstância, Rio Branco adquiriu profunda consciência, através dos estudos que realizou. Constatar é obra de simples verificação através de suas Efemérides Brasileiras, lidas sempre no início das sessões do sesquicentenário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que ele presidiu e onde ingressou aos 22 anos, em 1866, na presença do Imperador Dom Pedro II, quando ia acesa e viva a Guerra do Paraguai, em cujos estudos se assinalou e os quais a Europa conheceu, em parte, por seus escritos enviados a jornais de lá.

Em sua posse, biografou o Marechal José de Abreu, "O Anjo da Vitória", herói de nossas guerras cisplatinas e que morreu em ação na Batalha do Passo do Rosário.

O Barão do Rio Branco foi um notável historiador militar brasileiro que a Academia de História Militar Terrestre do Brasil consagrou como um de seus patronos de cadeira. A vocação de Rio Branco para a História Militar foi compulsiva. Aos 16 anos, biografou o Capitão-de-Fragata Barroso Pereira; aos 19, escreveu Episódios da Guerra do Prata. A seguir, escreveu sobre o Marechal José de Abreu. Prosseguiu firme nesta linha de estudos que, segundo o historiador Roberto de Assunção, "desabrocharam nos magistrais estudos sobre a Guerra do Paraguai e nas memórias escritas em defesa dos direitos do Brasil nas questões de limites com a Argentina. França e Inglaterra".

Foi notável o seu interesse pelo nosso fortalecimento militar, que ele ajudou a impulsionar através da Reforma Militar, nos governos de Rodrigues Alves, Afonso Pena e Hermes da Fonseca, como Ministro das Relações Exteriores, e sob o argumento de que "o Brasil pudesse desempenhar, com prestígio e segurança o papel que lhe cabia no convívio das nações".

Ajudou a recolocar o Exército no rumo do profissionalismo militar, depois de um triste período de esforço equivocado no bacharelismo militar de 1873- 1905 em decorrência dos regulamentos de ensino de 1873 e 1890, que minaram as possibilidades de operacionalidade do Exército a níveis inferiores aos dos tempos da Guerra do Paraguai, para o cumprimento de missões de defesa interna e externa do Brasil.

A ação de Rio Branco permitiu a incorporação pacífica ao território brasileiro de milhares de quilômetros quadrados, fruto de sua superior ação diplomática "inteligente e sem vaidade, franca sem indiscrição e enérgica sem arrogância", calcada no profundo conhecimento do processo histórico brasileiro e da sua história militar terrestre e naval, que desenvolveu e valorizou como instrumentos de desenvolvimento do Brasil, como ninguém até hoje conseguiu fazer.

Rio Branco conquistou a paz preparando a Nação para melhor enfrentar a alternativa indesejável de uma guerra. Em seus estudos sobre a Guerra do Paraguai manteve contatos estreitos com o Duque de Caxias, consagrado como o Pacificador e o maior de nossos generais: o patrono do Exército Brasileiro e das Academias de História Militar Terrestre do Brasil.

Em diversas oportunidades demonstrou consideração pelos militares:

**"Minha simpatia e meu verdadeiro afeto pelos militares de terra e mar são muito antigos, pois vêm dos tempos remotos da primeira mocidade. Desde os bancos do antigo Colégio Pedro II comecei a interessar-me por nossas glórias militares conquistadas na defesa dos direitos e da honra da antiga mãe pátria e suas possessões nesta parte do mundo e, depois, na defesa da dignidade e dos direitos do Brasil em sua vida independente... Tive a honra de conviver de perto com muitos de nossos generais mais ilustres: Caxias, Porto Alegre, Osorio, Barroso, Inhaúma e outros, e de todos tenho a fortuna de guardar apontamentos preciosos e provas escritas de seus afetos e estimas... Os sentimentos de minha mocidade para com o Exército e Marinha não se arrefeceram nunca, antes foram crescendo sempre, à medida que pude apreciar melhor a necessidade e conveniência dessas instituições, sem as quais, na posição que ocupa o Brasil neste continente, não se pode ter a prévia segurança da conservação da paz de que ele tanto precisa e de que precisam todos os povos".**

Diplomata de escol com alma de soldado, assim definia a relação soldado/diplomata:

**"Eles são sócios que se prestam muito auxílio. Um expõe o direito e argumenta com ele em prol da comunidade. O outro bate-se para vingar o direito agredido, respondendo à violência com violência".**

O General Tasso Fragoso, ao retornar de adido na Argentina, à época da Questão de Palmas, foi encarregado de saudar Rio Branco no Clube Militar. Ressaltou sua ação "na estabilização de nossas fronteiras, sem o recurso da força armada, por sustentar seus pontos de vista com o recurso de profundos e sólidos conhecimentos da História Militar do Brasil".





“Como é para o bem de todos e felicidade da nação, estou pronto. Diga ao povo que fico!”

Em 16 de janeiro de 1822, sete dias depois do Dia do Fico, o Príncipe D. Pedro nomeou José Bonifácio Ministro do Reino e de Estrangeiros.

Em 2 de setembro de 1822, o Conselho de Estado, integrado inclusive por José Bonifácio, Gonçalves Ledo e a Princesa Leopoldina, concluíram da necessidade de ser proclamada a Independência do Brasil. E José Bonifácio escreveu carta para o Príncipe D. Pedro, que estava em São Paulo, nos seguintes termos.

“A sorte está lançada. E de Portugal não podemos esperar senão escravidão e horrores”.

A seguir (abaixo) alegoria do Conselho de Estado presidido pela Princesa Leopoldina, integrado José Bonifácio, Gonçalves Ledo e outros e que decidiram aconselhar o Príncipe D. Pedro a Proclamar a Independência do Brasil.



Em consequência, em 7 de setembro de 1822, as margens do arroio Ipiranga, próximo a São Paulo, o Príncipe D. Pedro declara a Independência do Brasil de Portugal com o brado: “Independência ou morte!”

E logo depois se tomam maiores as divergências dos maçons José Bonifácio, da linha azul, ou inglesa, favorável a Monarquia Constitucional e, Joaquim Gonçalves Ledo, da linha vermelha ou francesa, favorável a uma República Constitucional. Ambos iniciados na Maçonaria em Portugal quando lá estudavam. Pensamento de José Bonifácio hoje representada pelo Grande Oriente do Brasil, do qual foi o seu 1º Venerável e criou uma sociedade secreta visando a Independência do Brasil e o de Gonçalves Ledo, representado pelas Grandes Lojas. Para o Oriente do Brasil, a Independência foi em 7 de Setembro de 1822 e para as Grandes Lojas a Independência do Brasil foi feita em 13 de Outubro de 1822, quando o Imperador D. Pedro I foi declarado Defensor Perpétuo do Brasil.

A ideia de José Bonifácio perdurou até 15 de Novembro de 1889, quando o maçom Marechal Deodoro da Fonseca, iniciado na Loja Rocha Negra, das Grandes Lojas, em São Gabriel-RS, proclamou a República, quando a Unidade Nacional estava consolidada. Fato que não ocorrera com a Unidade da América do Sul espanhola, em razão de Simon Bolívar, adepto da maçonaria vermelha ou francesa, não ter conseguido manter a unidade da América do Sul espanhola, a qual o General San Martín, adepto da linha azul, pretendia. Mas foi voto vencido em reunião maçônica no Equador e se retirou para a Europa.

Gonçalves Ledo a partir de 15 de Novembro de 1889 viu vitoriosa a sua ideia de República Constitucional, mas com um Brasil com sua Unidade consolidada em quase 70 anos de Monarquia Constitucional. Em minha cidade natal - Canguçu, a loja maçônica filiada às Grandes Lojas chama-se Loja José Bonifácio. Talvez esteja na hora de unificá-las!

### **A maçonaria em Canguçu durante a Revolução Farroupilha**

**A** maçonaria em Canguçu teve início em 1835 com o início da Revolução Farroupilha, uma revolução liderada pela Maçonaria. A loja maçônica inaugurada em Canguçu recebeu o nome de Fidelidade e Esperança, seguramente das Grandes Lojas, tendo por venerável Francisco Ferreira de Freitas, e tendo como luzes Joaquim Maximino Lobato, P. Palomeque, João Batista Galvão e o padre Hipólito Ribeiro. João Batista Galvão era o historiador de Canguçu, mas um filho seu destruiu os seus arquivos. Anos mais tarde, por volta do início da Guerra do Paraguai ele integrou como secretário a Irmandade de N.S. da Conceição, cujo provedor e vice-provedor foram



"Angela Merkel é abertamente citada como culpada", explica. A ex-chanceler federal alemã, da conservadora União Demócrata Cristã (CDU) começou a "fazer ainda mais negócios com Vladimir Putin" depois que o presidente russo anexou ilegalmente a península ucraniana da Crimeia, em violação explícita do direito internacional.

Além disso, "depois do começo da guerra no Donbass", Merkel não abandonou a construção do gasoduto teuto-russo Nord Stream 2, acrescenta o autor, que em parte vive em Londres e atualmente trabalha a partir de Copenhague.

Tendo crescido numa família de idioma russo, ele ainda vivenciou em Kiev a agressão militar da Rússia contra seu país. Sua esposa e filhos estão espalhados pela Ucrânia. Um filho presta assistência humanitária na cidade da minoria húngara Uzhgorod, na fronteira com a Hungria, para onde escaparam numerosos habitantes das regiões em guerra.

### **Mudança de paradigma incompleta na política externa alemã**

É guerra na Europa e, desde a invasão pela Rússia, a Ucrânia se encontra em plena luta pela sobrevivência. Pouco após o começo da agressão militar, em discurso no parlamento de Berlim, o chanceler federal alemão, Olaf Scholz, conclamou a uma "zeitenwende" (mudança de paradigma, literalmente "virada de época").

Nessa revisão fundamental da política externa nacional, a Alemanha deveria investir de forma maciça em suas Forças Armadas; reverter o entrelaçamento econômico com a Rússia, até então vigente; além de boicotar o país agressor.

E, no entanto, há semanas chovem críticas da Ucrânia, sobretudo por a Alemanha seguir importando gigantescos volumes de matéria-prima russa e, conseqüentemente, transferindo grandes somas a Moscou.

Em seguida à evacuação de mais de 100 civis da usina siderúrgica de Mariupol, no começo de maio, a vice-primeira-ministra ucraniana, Irina Vereshchuk, declarou: "Temos o direito de ser emocionais. Temos o direito de exigir mais – mais armas, mais sanções [...] Os senhores perdem dinheiro, enquanto nós perdemos vidas!"

### **Relação Berlim-Moscú baseada em premissas falsas**

Cada vez fica mais claro que a reorientação da política externa alemã é um processo doloroso, que transcorre paralelamente ao destino da Ucrânia e ao desdobramento da atual guerra. E isso tem muito a ver com crítica à política alemã desde 2014, após a revolução pró-europeia da Maidan, a Praça da Independência de Kiev, e dos ataques pela Rússia à soberania do país nos termos do direito internacional.

Segundo a especialista no Leste Europeu Margarete Klein, do think tank Instituto Alemão de Assuntos Internacionais e de Segurança (SWP), que também aconselha o governo em Berlim, "algo já mudou, sim, em comparação com 2014, apesar do Nord Stream 2".

"Mas não houve nenhuma mudança de paradigma basilar da política alemã para com a Rússia. Esta continua se baseando numa série de premissas não sustentáveis, como a de que é possível separar a cooperação econômica do conflito na política de segurança."

Ou, ainda: "que uma ordem de segurança europeia só pode ser criada com a Rússia", observa Klein, em cuja opinião "zeitwende" significaria "revisar essas premissas básicas, de fato entender que cooperação econômica também pode ter efeitos sobre a política de segurança".

## **Europa "russocêntrica" cega para Ucrânia**

Quase todos os países da Europa Central e Oriental, inclusive a Ucrânia, vinham há tempos advertindo a Alemanha de que ela se tornava chantageável ao ficar dependente da energia da Rússia. Contudo, os ucranianos foram simplesmente ignorados, admite, com autocritica, o historiador alemão Karl Schlögel, especializado no Leste Europeu.

"Quer dizer que toda a percepção europeia – e isso valia também para mim e para muitos da minha geração – é 'russocêntrica'. Isso está seguramente relacionado ao fato de a Ucrânia ter sido sempre vista como parte, como província, como quintal, por assim dizer, da União Soviética, e anteriormente, do Império Russo. Ela não era absolutamente vista como um sujeito independente, como nação, povo."

Isso explicaria, pelo menos em parte, o rigor da crítica à política externa alemã partindo da Ucrânia, pois: quem é que está disposto a aceitar a própria inexistência? Esse fator é especialmente grave no caso da Alemanha, que durante a Segunda Guerra Mundial invadiu seus vizinhos europeus e exterminou sistematicamente 6 milhões de judeus.

"Até o último momento, o principal palco dos crimes alemães no Leste – ou seja, Ucrânia e Belarus – não estava absolutamente no mapa", constata o especialista em Europa Oriental Schlögel.

No entanto, pelo menos desde 1995 o grande público alemão tem acesso aos dados sobre as atrocidades das Forças Armadas nazistas na Ucrânia, através da exposição itinerante Guerra de extermínio, crimes da Wehrmacht de 1941 a 1944, do Instituto de Pesquisa Social de Hamburgo.

## **União Europeia como saída para Ucrânia**

"Na verdade é monstruoso ser necessária uma nova guerra para que a Ucrânia retorne a nossa memória ou nosso conhecimento, ao nosso horizonte, como campo de batalha, por assim dizer. Na verdade, isso é bem dramático", lamenta Karl Schlögel.

Agora "só se pode torcer" que, ao contrário de 2014 – depois da bem-sucedida revolução da Euromaidan e do começo da guerra russa no Leste ucraniano –, as necessidades da Ucrânia não voltem a sumir da agenda europeia. A guerra da Rússia, "não começou agora, em fevereiro", lembra o historiador: desde 2014 ela faz milhares de vítimas no país sob agressão, gerando fuga e expulsão.

Na visão de Andrey Kurkov existe, de fato, uma via de saída para essas feridas teuto-ucranianas, pois no momento cai para segundo plano a lembrança do regime de violência alemão na Ucrânia. Em conversas em seu país, "fala-se muito menos da Segunda Guerra Mundial, registra o autor: agora, quando "se fala de fascistas, se está referindo à Rússia, e não à Alemanha nazista".

Os ucranianos olham em direção da Alemanha e sua política externa sobretudo por percebê-la como "principal país da União Europeia", da qual eles desejam se tornar membros.

Para as elites de Kiev está claro que uma filiação à Otan demoraria muito mais: "A Europa é uma grande esperança, e também um fator importante para a independência do país", frisa Kurkov. "Europa significa segurança para a Ucrânia."

RECORDANDO O GUARARAPES Nº 2 DA ANTIGA  
FAHIMTB, DISPONÍVEL NO SITE  
[WWW.AHIMTB.ORG.BR](http://WWW.AHIMTB.ORG.BR)

**R**ecordando O Guararapes nº 2, relacionando os estímulos de autoridades e instituições de História à fundação da AHIMTB e a Importância da História Militar do Brasil para suas Forças Armadas:

1) As diferenças entre História Militar Descritiva e História Militar Crítica, esta fundamental para o profissional militar, em especial para futuros integrantes do Estado-Maior de grandes comandos e para seus generais comandantes.

2) História Militar crítica que foi introduzida na AMAN pelo historiador Ten Cel Francisco Ruas Santos, por indicação do General Castelo Branco, ambos integrantes da FEB e com curso nos EUA, onde foi destacada a importância da História Militar Crítica.

3) Enfim, preciosas reflexões aos integrantes do Exército no Serviço Ativo e para seus historiadores na Reserva, interessados em contribuir para o futuro de nosso Exército e hoje Veteranos como eu, sem esquecer os integrantes do Magistério Militar.

Por oportuno abordo este pensamento de domínio público.

“Um Exército forte e com poder dissuasório compatível, impõe respeito. Um Exército fraco e sem poder dissuasório compatível, impõe medo na população do país”

(Veterano Cel Eng Claudio Moreira Bento, Historiador aos 90 anos e meio e ainda lutando pelo melhor para o nosso Exército).



Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS  
lecaminha@gmail.com

Sites:

[www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) e  
[www.acadhistoria.com.br](http://www.acadhistoria.com.br)

Site do NEE/CMS: [www.nee.cms.eb.mil.br](http://www.nee.cms.eb.mil.br)

Site do Núcleo Militar de Gramado: [www.nuclev.com](http://www.nuclev.com)

Blog da Delegacia da AHIMTB/RS em Cruz Alta:

<http://acadhistoriacruzalta.blogspot.com.br/>